

## Negras Experiências Urbanas: As Escritas Ativas de Alice Walker e Edwidge Danticat

Profa. Dra. Katia Santos<sup>1</sup> (Emory University)

### **Resumo:**

*O crítico literário Henry Louis Gates, Jr. afirma que “por causa da experiência da Diáspora [negra], fragmentos [de textos] que contenham traços de um sistema coerente de ordem devem ser reagrupados” para que nos seja possível transformar o implícito em explícito e, em alguns momentos, possamos também imaginar o todo a partir de fragmentos (Gates, 1988, p. xxiv). É com esta “fórmula” em mente que dois textos de duas escritoras da diáspora negra serão visitados aqui: **We are the ones we have been waiting for: inner light in a time of darkness**, da afro-americana Alice Walker; e **Brother, I’m dying**, da haitiana-americana Edwidge Danticat. Suas escritas nos dão conta da constante inserção de uma primeira geração de afro-descendentes formalmente letrados num contexto social urbano que as faz registrar momentos muito peculiares a pessoas como as que são e representam, individual e coletivamente. Suas escritas são exemplos de “fragmentos” que nos permitem “imaginar o todo” da experiência negra nos centros urbanos contemporâneos.*

**Palavras-chave:** Diáspora negra, ativismo, cultura urbana, escrita criativa

O traço semelhante mais interessante entre Alice Walker e Edwidge Danticat seria a escrita criativa ativa e muito motivada, ativada, pelos universos de culturas marcadamente orais que cada uma representa no universo maior da escrita negra norte-americana. Walker e Danticat são exemplos inconteste de que a literatura é e deve ser de todos e para todos, em qualquer sociedade antenada com seu tempo e que se queira progressista, evolutiva. As duas autoras em questão são ativas produtoras de fragmentos textuais que compõem o todo da historicidade, oralidade e escrita dos sujeitos da diáspora negra, das comunidades negras rurais num primeiro momento e marcadamente urbana na contemporaneidade. As duas autoras nos dão também conta da saga negra nas sociedades em que estiveram e estão inseridas. E a partir de seus escritos podemos dar sentido a muito do que nos aflige como um povo com uma horrenda história em comum e as seqüelas sociais da mesma. E na condição de mulheres negras, as duas cidadãs não se eximem de denunciar, propagar, celebrar, militar e comungar com e em nome de suas *sisters*. Cada uma a seu modo, a partir de seus universos de representações. Ambas com a honestidade e naturalidade comum aos escritores e escritoras de grande porte.

Apresentando-as em ordem cronológica, comecemos com uma citação de Alice Walker.

Somos filhas da Mãe Terra: é por nossa naturalidade e alegria no que e em quem somos, que oferecemos nossa gratidão, nossa veneração, e nosso louvor.

Indo além, dou-lhes minha palavra de que não cessarei de lutar por e com vocês, de pensar e trabalhar para o bem-estar de vocês, mulheres de cor, constantemente. E isso sempre me trará alegria e liberdade. E que sobre vocês eu afirmarei a força de caráter onde quer que eu esteja. A lendária lealdade e devoção. Honrarei a beleza de vocês, e acreditarei em vocês, sem reservas.

Sei, por experiência própria, o quão boas vocês são, e que é a presença de vocês que torna este mundo melhor.

Amo vocês.<sup>1</sup>(Walker, 1997, p.106-7)

Nascida em fevereiro de 1944 em Eatonton, no Estado da Geórgia, sul dos EUA, filha de pais negros e meeiros (no sentido mais tradicional do termo), Alice Walker é a caçula de oito filhos. Ela diz orgulhar-se de ser uma pessoa da roça, seu primeiro universo de investigação existencial, poderíamos dizer, muito embora este fosse ainda um mundo imensamente restrito e restringido. Não só por ela fazer parte de uma comunidade de negros trabalhadores da terra alheia, mas também por ter nascido e entrado na vida adulta no Sul norte-americano regido ferozmente pelo conjunto de leis de segregação racial conhecido como Jim Crow, conjunto de leis que rezavam também promover uma sociedade *separate but equal* para o bem de brancos e negros – os propósitos teóricos dessas leis talvez representem a maior ficção experimentada pela autora.

A afro-americana Alice Walker é conhecida primeiramente, como referência literária, como a autora do romance *A Cor Púrpura*. Muitos foram os textos e acontecimentos na vida da escritora até que ela nos desse o referido romance, publicado em 1982 e transformado em filme por Steven Spielberg em 1985. Embora Walker já tenha mais de 25 livros publicados – entre poesia, romances, contos, e coletâneas de artigos – sua obra mais conhecida do grande público e internacionalmente continua sendo *A cor Púrpura*, seu terceiro romance. Na esfera acadêmica a autora é reconhecida ainda pela seminal coletânea de artigos *In search of our mother's gardens: Womanist prose*, publicada um ano após *A cor púrpura*, onde teria introduzido o termo “womanist/womanism”, expressão definidora do feminismo a partir da perspectiva das mulheres negras.

Alice Walker é também conhecida ativista política das mais variadas causas, principalmente causas humanitárias e ambientais. A importante enciclopédia *Africana: the encyclopedia of the African and African-American Experience*, organizada pelo mesmo Henry Louis Gates, Jr., traz uma citação de Walker no verbete dedicado a autora em que ela diz que tenta ter em sua vida e em sua obra de ficção uma abertura consciente para o mistério, e que este seria algo muito mais profundo que qualquer política, raça, ou localização geográfica. No mesmo verbete aprendemos também que a obra de Alice Walker é constantemente celebrada pela forma como indivíduos e relacionamentos individuais são caracterizados, e pelos vários exemplos de como o indivíduo pode valer-

---

<sup>1</sup> Tradução minha do final do texto lido por Alice Walker em uma cerimônia de formatura na Spelman College, tradicional e histórica faculdade para mulheres negras em Atlanta, 1995.

se de sua cultura coletiva e herança cultural para sustentar-se. Creio, contudo, que faltou ser somada a este verbete a forma especial com que Walker utiliza a escrita, a escrita criativa principalmente – embora sua escrita seja sempre criativa, independente do tipo de texto – para marcar e demarcar a existência e lugar das mulheres negras no cenário mundial. A citação lida no início dessa comunicação, por exemplo, corre o risco de ser um texto apenas piegas se a ele não for acrescentadas informações como autoria, localização geográfica, contexto e *background* histórico da autora.

O livro de Walker que seria analisado aqui, num primeiro momento, seria o de título *Anything We Love Can be Saved: a Writer's Activism*, de 1997, de onde foi retirada a citação acima. Desculpem-me mas não pude furtar-me a não optar pelo segundo, *We are the ones we have been waiting for: inner light in a time of darkness*, de 2006, que podemos dizer se tratar de uma versão atualizada e ampliada do primeiro. Esta outra coletânea de ativismos de Alice Walker agora opta por uma escrita e “fala” muito mais centrada no tal mistério de que nos falou antes, já sem a necessidade de nomear de ativismos os seus... ativismos. Compreendo que para os que ainda não leram este *bestseller*, o título, erroneamente, diga-se de passagem, passe-lhes uma impressão de apenas mais um *bestseller* do ninho da auto-ajuda. E não estão de todo errados. Mas a tal luz interior do texto aponta para várias formas de escuridões políticas e mesmo existenciais. É o maduro ativismo político da autora amparado pela busca incessante da comunhão com o mistério que rege a vida de todos. Sem perder de vista, um minuto sequer, o traço político das dinâmicas sociais onde tal ativismos e mistério se dêem. Desnecessário dizer que uma vez mais as mulheres negras percorrem todo o livro, mas não como casos à parte, e sim como atorras, nos mundos retratados em sua escrita. Sem pudor algum. Sem economia alguma. Ela não se poupa de nos informar que as mulheres negras existem. Têm voz, sim. E estão em todo o canto, com todos os tipos de complexidades, como outro grupo qualquer. Não à toa, a frase que dá título a seu livro, *we are the ones we have been waiting for*, fora retirada de seminal artigo da falecida poeta afro-americana June Jordan – a mesma expressão, com a mesma origem, é utilizada neste momento, inclusive, pelo candidato democrata norte-americano à presidência dos Estados Unidos, Barack Obama.

Alice Walker diz que somos aqueles por quem esperamos porque somos capazes de acompanhar os eventos atuais com mais entendimento que nossos pais, avós, ou nossos ancestrais (Walker, 2006, p. 3), o que não quer dizer, segundo ela, que saibamos “consertar” os problemas que sabemos identificar no mundo a nossa volta. Coerentemente, ela não nos apresenta soluções ou fórmulas mágicas para resolvermos tais questões. Mas nos chama à reflexão. E abraça muitas das possibilidades disponíveis para algumas conhecidas questões. Por isso, é amiga pessoal de Fidel Castro, adoradora de Che Guevara, e não poupa seu próprio país e os irados cubanos de Miami quando o assunto é Cuba. Sua voz suave e pregação humanista parecem conviver muito tranqüilamente com sua nada contida ira quando aborda determinados assuntos. Racismos, sexismo, mutilação genital, o embargo econômico a Cuba e a destruição do meio ambiente são exemplos de tópicos que fazem com que sua voz suave transmita uma firmeza intimidante. Da mesma forma que derrama-se de ternura para os que sabem precisarem da afirmação dessa mesma ternura, como vimos na citação acima, parte do texto de uma palestra da autora em Spelman College. Aliás, grande parte dos textos que

compõem seu livro analisado aqui resulta das várias palestras ministradas por Walker ao longo de sua carreira. Os temas de tais palestras são os mais variados possíveis, e quase sempre políticos. E deles fica a impressão de que a mensagem a ser realmente “recebida” por quem a ouve/lê dependerá – mais que nunca, ou mais que em qualquer outro tipo de literatura – da visão de mundo de cada um. Principalmente se seus interlocutores conseguirem ir além do óbvio. Vejamos na passagem a seguir um bom exemplo da escrita criativa ativa de Alice Walker:

Quando Martin Luther King, Jr., morreu eu estava morando com meu marido, um judeu branco advogado de direitos civis, em um dos lugares mais repressivos da face da terra: o Estado do Mississippi. Minha irmã uma vez me disse que tinha tanto medo do Estado do Mississippi que por ela eu nem mesmo sobrevoaria Mississippi. Minha família inteira achou loucura eu tentar viver lá. E morar lá, também, com um homem branco; casar-me com ele, de acordo com as leis de Mississippi, era ilegal. Não acredito que minha irmã tenha sobrevoado o Estado do Mississippi, ou mesmo pousado lá, até os dias de hoje. Entretanto, meu marido e eu estávamos lá para mudar isso. Para torná-lo um lugar em que os negros, que amam profundamente o Sul, as estações e o sol, pudessem verdadeiramente chamá-lo de lar.

Eu estava grávida quando nos chegou a notícia do assassinato de King. Foi a voz dele que incitou a nós dois, em momentos diferentes, a voltar para o Sul; para desafiar o apartheid de Mississippi. Se não fosse por sua voz, chamandonos a atenção para um dever que teria sido mais seguro ignorar, talvez não tivéssemos nos encontrado[...]. Determinados a seguir Martin até o fim, fomos para Atlanta para o funeral. Acompanhamos por muitas milhas uma carroça, puxada por uma mula, que carregava seu caixão. Eu perdi o bebê. [Walker, 2006, p.165]<sup>2</sup>

A passagem pode ser política apenas ou, um outro “uso” possível, poderia servir para mostrar que o aborto espontâneo pode acontecer também por circunstâncias literalmente políticas. Aliás, uma das constantes nas escritas tanto de Alice Walker quanto de Edwidge Danticat, é a gratuidade com que as vidas negras são abortadas desde sempre. E é com este triste mote que passaremos à segunda e última escritora listada ao início: Edwidge Danticat.

Danticat é uma típica nova-iorquina: nascida no Haiti em janeiro de 1969, chegou aos Estados Unidos aos doze anos de idade, em 1981, acompanhada do irmão mais novo, para juntar-se aos pais que haviam emigrado para os Estados Unidos. Seu pai partira quando a filha tinha dois anos de idade, em 1971. Dois anos depois será a vez de sua mãe, que parte sem os dois filhos para juntar-se ao marido. Seus pais, depois de algum tempo vivendo ilegalmente em Nova Iorque, tiveram mais dois filhos nascidos na mesma cidade e, à época, isto era o que bastava para que o imigrante ilegal obtivesse a cidadania

---

<sup>2</sup> Tradução livre minha

americana, que seus filhos nascessem em solo americano. Com a conquista da cidadania os pais de Danticat se viram prontos para, finalmente, depois de longos oito anos e apenas uma visita neste intervalo, incorporarem os dois filhos mais velhos à família que já se formara em Nova Iorque.

Edwidge Danticat, hoje com trinta e nove anos, após graduar-se pela respeitada Brown University tornou-se uma escritora bem estabelecida. Suas publicações são encontradas em qualquer grande livraria do país. Resta-nos descobrir em que seção seus livros estão alocados: de escritores haitianos, haitianos-americanos, afro-americanos, caribenhos, *Blacks?* Seus textos podem ser encontrados também nos editoriais do New York Times, ou na revista The New Yorker, por exemplo – *Crabs* é o título de seu último texto publicado na sessão **Faith and Doubt** da referida revista no dia 9 de junho último. Nele, uma vez mais, Danticat nos fala de sua infância no Haiti em um específico dia em que parecia que só a fé no sobrenatural traria o alimento para aquele mesmo dia.

Edwidge Danticat é um dos mais significativos exemplos na contemporaneidade norte-americana das feições várias que podem ser utilizadas pelos indivíduos para “valerem-se de uma cultura coletiva e herança cultural para sustentarem-se”, como quer Alice Walker. Aliás, esta parece ser a norma para os que desejam ter alguma “identidade” em Nova Iorque. Talvez esteja-se falando aqui apenas das minorias nova-iorquinas, dos imigrantes, ilegais ou não. Alguns dirão que ser ou não uma americana *hifenizada* não é uma opção que caiba à Danticat, e que esta é a regra da sociedade americana. Faz sentido. Mas há casos, como o da própria Danticat, nos quais o peso da cultura-mãe, tanto quanto ou mais que a língua-mãe, se apresente como marca muito profunda para que seja ditada de fora para dentro. Resta-nos saber quando será o momento da estagnação, caso esta ocorra. Mas este ainda não é o caso da autora em questão.

A narrativa histórico-ficcional de Edwidge Danticat teve início com o romance *Breath, Eyes, Memory*, publicado em 1994; *Krik? Krak!*, livro de contos, em 1995, um dos finalistas do National Book Award; e *The Farming of Bones* de 1998, vencedor do American Book Award; e *The Dew Breaker*, de 2004, um dos finalistas do PEN/Faulkner Award e vencedor da primeira edição do Story Prize. Todos estes livros apresentam o Haiti como pano de fundo e quase sempre como “um lugar complexo e repleto de amor, violência, orgulho e dor”, como lemos no verbete dedicado a Danticat na mesma *Enciclopédia Africana*. Em seus escritos circulamos quase sempre também pela América rica, a América da esperança em dias melhores, que é também o local da mudança “abrupta e inevitável”. Percebemos claramente em sua obra que a autora aprende muito cedo – podemos mesmo dizer que a partir dos doze anos, quando faz a travessia para o novo mundo – que existem outras formas de violência além da gratuita violência física tão freqüentemente presenciada pela menina Danticat no Haiti dos desmandos ditatoriais. Mas não só pelas autoridades locais. Os “aliados” dos poderes vigentes no Haiti também deixaram na menina a marca da violência fora de controle. Aos eventos que não assistiu, veio a conhecê-los por relatos de familiares. É através, principalmente, de seu tio Joseph, irmão de seu pai, que aprendemos sobre a história política do Haiti e da complexa (por falta de termo melhor) relação política de seu país com os Estados Unidos. A primeira vez que seu tio, ainda criança, se deparara com o poderio das autoridades americanas foi quando vira soldados americanos que ocupavam o Haiti naquele período, chutarem a cabeça ferida de um homem como se fosse uma bola. Do fatal encontro de Tio Joseph

com os gringos, muitos anos depois, quem nos fala é sua sobrinha e filha de criação, Edwidge Danticat.

Embora não possamos afirmar ser Danticat uma ativista política, como o é Alice Walker, não há como negar a natureza política de sua escrita. E esta sua última publicação, sobre a saga de sua família no Haiti e nos EUA, culminando com a morte do tio que a criou, quando em poder da polícia de imigração em Miami, seria indiscutivelmente o mais político de todos eles. É um livro-denúncia, de uma situação que a precedeu e que ganhou proporções assustadoras após o ultra-assustador 11/9. O livro *Brother I'm Dying*, publicado em setembro de 2007, e que tem seu tio Joseph como principal protagonista, começa no Haiti e termina nos EUA. A diferença é que dessa vez não se trata de um romance histórico ou algum tipo de ficção. Trata-se de uma história que daria um romance, fosse este o desejo da autora, pois é nesta narrativa também que ela nos conta que descobre-se grávida enquanto lida com a doença terminal do pai e mais um incidente político no Haiti. Agora envolvendo seu querido tio, que sofrera ameaça de morte depois que soldados da ONU invadiram sua igreja e do detalhado começaram a atirar em prováveis rebeldes que se encontravam nas cercanias da igreja de Joseph. Muitas dessas pessoas eram crias de sua vizinhança, filhos de seus amigos e conhecidos freqüentadores por décadas de sua igreja e de seus serviços comunitários. Mas nada disso adiantara, esta relação anterior. Quando os soldados da ONU se retiram, sua casa é invadida, saqueada e sua vida ameaçada. Numa fuga espetacular, ajudado por alguns amigos, Joseph consegue chegar à capital porque foge no meio da noite vestido de mulher. Restava-lhe apenas atender aos apelos do irmão adoentado, o pai de Danticat, e emigrar num visto de turista para a mesma América. Não seria a sua primeira vez em solo estadunidense, mas era a primeira vez que chegava ao país sem saber quando voltaria ao seu amado país, ou mesmo se voltaria algum dia para o Haiti.

Tio Joseph, não era um parente distante. Fora o responsável pela educação de Danticat e seu irmão na ausência de seus pais. A relação que tinham não era permeada por manifestações de carinho. A ternura entre os da família era expressa de outras formas, como cuidados constantes, atenção redobrada com a educação e segurança das crianças de seu irmão. Em retribuição, a menina Danticat se transforma na “tradutora” oficial de seu tio, que perde a voz depois de uma intervenção cirúrgica na garganta atingida por um câncer. Ela diz que era capaz de traduzir inclusive os olhares do tio, melhor que qualquer outra pessoa da família. Ele a levava consigo sempre que precisava resolver alguma questão importante, quando não poderia haver dúvidas quanto ao que ele desejava expressar. E este mesmo homem, já mais velho e adoentado, mas ainda fiel à sua rígida moral protestante, inadvertidamente informa aos oficiais da imigração de Miami em sua derradeira chegada aos Estados Unidos em 2007, quando perguntado da duração de sua estadia, que tem a intenção de pedir asilo político no país. Por conta deste excesso de informação o senhor Joseph é logo encaminhado para o temido centro de detenção do Estado, onde é encarcerado com outros tantos imigrantes e tem seus remédios recolhidos pelos policiais. Quando a família finalmente descobre seu paradeiro e Danticat coloca um advogado para acompanhar o caso, seu tio já estava bastante adoentado. Em uma audiência na presença do advogado, o senhor Joseph tem uma convulsão, é socorrido pelos médicos do presídio – os mesmo que durante o incidente teriam dito que o tio de Danticat estaria fingindo uma convulsão para impressionar os policiais – e horas depois

vem a falecer. Este trágico incidente aconteceu em 2004. Desde então, Edwidge Danticat tratara deste assunto, que ela sabia não ser particular de sua família, em varias instâncias possíveis, até culminar com a publicação do livro *Brother I'm Dying*, em 2007. Suas obras, como afirmado antes aqui, invariavelmente trazem a situação política no Haiti como pano de fundo, assim como a experiência dos imigrantes haitianos na República Dominicana e nos Estados Unidos. Mas esta não-ficção, sobre um assunto tão em pauta como a questão da imigração no mundo atual, levou Danticat para os editoriais dos grandes jornais americanos. A discussão sobre sua escrita, neste momento, ganha novas cores, novos espaços. Seria ela agora uma ativista?

Danticat nos responde em entrevista publicada na revista literária *Black Issues Book Review*<sup>3</sup>, entrevista concedida à também escritora Elizabeth Nunez, quando perguntada qual seria o papel de seu ativismo. Diz ela: “[Toni Cade] Bambara [falecida escritora jamaicana-americana] não disse que a escrita era o seu ativismo? O mesmo se aplica a mim” (p. 14). Mais que denunciar, com este livro, acredita Elizabeth Nunez, Danticat quer dizer às pessoas o quão importante o senhor Joseph era para sua família e comunidade. E sua narrativa nos dá esta dimensão. Talvez a sorte de Joseph, no que se refere à reconstituição dos eventos impressionantes de sua vida relatados no livro, seja o fato primeiro de haver em sua vida uma talentosa sobrinha escritora que o tinha em muito boa conta. Sabemos que relatos de eventos são narrativas que se formam a partir de nossa memória afetiva, principalmente. O que já nos diz muita coisa. Mas esta constatação não desmerece a discussão.

Na necessidade de fechar esta comunicação, este é o momento de juntar Alice Walker e Edwidge Danticat sob o mesmo olhar estrangeiro dessa que as examina. E neste estranhamento inicial parece-me clara a distinção entre as “nações” que uma e outra apresenta em suas escritas. Falo agora do país de residência das duas, os Estados Unidos da América. Embora Walker viva na Califórnia e não cesse de nos contar sobre o Sul, e de Danticat ter vivido grande parte de sua vida em Nova York, e more hoje em Miami, elas parecem falar de países diferentes. De perto vemos que uma é *African-American* e a outra um tipo de *Black American*. E ao mergulharmos em suas narrativas as duas parecem seres sem estado (stateless), aqueles que vivem à parte dos direitos teoricamente estabelecidos em sociedade, para todos. Elas nos apresentam variações de mundo dentro do mundo maior que seria os Estados Unidos, e nada disso é novo. Literaturas várias já promovem este deslocamento interno há algum tempo. Talvez o nosso entendimento deste processo no mundo moderno/pós-moderno é que seja outro, o que não quer dizer, como salientou Walker, que saibamos decifrar o mesmo mundo. Como reflexão possível, há um trecho de uma conversa entre Judith Butler e Gayatri Spivak no livro *Who Sings the Nation-State? Language, Politics, Belonging*, que discute de forma bem conversacional a questão da imigração nos EUA e Europa. Numa colocação de Butler, que parece apropriada à discussão sob a ótica da literatura comparada, lemos o seguinte:

Evidente que certas temática dos estudos de literatura comparada dependiam da legibilidade da transição e da estabilidade dos territórios que constituem o “antes” e o “agora” assim como o “lá” e o “aqui” do *emplotment*, topologia, e linha narrativa. Mas eu acho que tanto a

---

<sup>3</sup> No exemplar de setembro/outubro de 2007.

espacialidade quanto a localidade têm que ser reconcebidas quando consideramos um deslocamento [departure] de dentro [from within], uma expropriação que demanda imobilidade. Parece-me ser este o caso daqueles que são novatos [neste território] e ao mesmo tempo, estão inseridos e expropriados do mesmo território do qual partem e chegam. [...] Isto significa que temos que considerar as dimensões temporal e espacial do aqui e lá, do antes e agora, quando falamos da literatura dos sem-estado [stateless], e estas formações estabelecem alguns deslocamentos distintos da literatura de exílio e repressão como as conhecemos. [pag. 18-19]

Seguindo este raciocínio, somos levados a crer que as literaturas “outras” da Urbe de um país como os Estados Unidos da América e de um país como o Brasil – pensado aqui todo o tempo– são de incontestes importância e “utilidade” histórico-social. Além de serem também, em muitos casos, exemplos honrosos das Belas Letras.

### **Referências Bibliográficas:**

APPIAH, Kwame Anthony; GATES, Henry Louis, editores. *Africana: the encyclopedia of the African and African-American Experience*. New York: Basic Civitas Books, 1999

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri. *Who sings the nation-state? Language, politics, belonging*. London, New York, Calcutá, Seagull Books, 2007.

DANTICAT, Edwidge. *Brother, I'm dying*. New York: Alfred A. Knopf, 2007.

GATES, Henry Louis, Jr., *The Signifying Monkey: a theory of African-American literary Criticism*. New York/ Oxford, Oxford University Press, 1988.

WALKER, Alice. *Anything we love can be saved: a writer's activism*. New York, The Random House Publishing Group, 1997.

\_\_\_\_\_. *We are the ones we have been waiting for: inner light in a time of darkness*. New York/London: The New Press, 2006.

---

#### **Autora**

**<sup>i</sup> Kátia Santos, Profa. Dra.**

Emory University, Atlanta, EUA [2006-2008]

E-mail: krsantos@gmail.com